



O trabalho com gêneros a partir de sequências didáticas: potencialidades de uma metodologia¹

Cristiane Nordi²
UFSCar

Resumo: Este trabalho apresenta considerações sobre uma proposta de intervenção pedagógica no trabalho com gêneros como uma abordagem possível no trabalho com leitura e produção de textos na escola. Para tanto, nos apoiamos no conceito de sequência didática (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004) e nas categorias de análise textual propostas pelo Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2003). A pesquisa está sendo desenvolvida junto a um grupo de alunos do 6º ano de uma escola pública do interior de São Paulo, contexto em que a pesquisadora atua como professora efetiva de língua portuguesa. São inicialmente diagnosticados e mapeados problemas relacionados à produção textual no contexto investigado, são propostas atividades significativas com a língua que comporão uma sequência didática com vistas a investigar a viabilidade dessa metodologia de trabalho com a língua em contexto escolar, suas vantagens e desvantagens.

Palavras-chave: gênero, sequência didática, ensino-aprendizagem, língua.

Abstract: This paper presents a proposal of pedagogical intervention in working with gender as a possible approach in reading and text production in school. To this end, we support the concept of “instructional sequence” (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004) and textual analysis of categories proposed by Socialdiscourse Interaction (BRONCKART, 2003). The research is being developed with a group of students from the 6th year of a public school in Sao Paulo. We have to proceed to diagnose and map the problems in the context of textual production. Significant activities are been proposed in order to investigate the feasibility of the method of instructional sequence of working with language.

Keywords: gender, instructional sequence, teaching and learning language.

1. Introdução

Nas últimas décadas houve no Brasil um movimento na área de ensino de línguas fortemente influenciado por teorias que propõem o ensino de leitura e produção de textos orientados por gêneros textuais. Os documentos oficiais, como os PCNs (BRASIL, 1998), os PCNEM (BRASIL, 1999) e os OCNs (BRASIL, 1997) prescrevem a adoção de um trabalho na

¹ A realização deste trabalho tem sido possível com apoio do Programa Bolsa Mestrado da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo.

² cris.nordi@hotmail.com



escola a partir de uma perspectiva discursiva, com uso de diferentes gêneros, porém não mostram o caminho.

Assim, a implementação dessa orientação ainda constitui um problema com encaminhamentos teóricos e metodológicos passíveis de serem desenvolvidos em pesquisas com objetivos de intervenção pedagógica.

No campo teórico, a proposta de trabalho a partir de gêneros vem sendo difundida por autores do Interacionismo Sociodiscursivo, tais como Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (2004), Rojo (2000), Rossi-Lopes (2006), Motta-Roth (2006), Neves (2006) e Dionísio, Machado e Bezerra (2005).

Ainda que no campo teórico algumas pesquisas venham sendo desenvolvidas na busca de propostas para o trabalho significativo e contextualizado com gêneros na escola, ainda há uma grande dificuldade por parte de professores para ultrapassarem uma abordagem estrutural e, de fato, conseguirem trabalhar os gêneros, relacionando-os às atividades e práticas de linguagem (BRONCKART, 2003), fato este que impõe a necessidade de novas investigações e proposições de metodologias para o ensino-aprendizagem de língua.

Tendo em vista os aspectos anteriormente mencionados, este trabalho apresenta considerações iniciais a partir de uma pesquisa que propõe intervenção pedagógica no trabalho com gêneros como uma abordagem possível no trabalho com leitura e produção de textos na escola.

Para tanto, nos apoiamos no conceito de *transposição didática* (SCHNEUWLY, 2004) e em noções propostas pelo Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2003) para o trabalho com produção textual em sala de aula. Acreditamos que devem ser desenvolvidos novos modelos pedagógicos que privilegiem a construção do conhecimento, o diálogo, a interatividade e a intersubjetividade em cursos de língua materna.

Na base desse pressuposto reside o princípio de que somente o trabalho com práticas linguísticas significativas podem garantir a formação do falante capaz de inserir-se com autonomia nos diversos âmbitos de uso, exercendo papel de cidadão na sociedade.



A proposta do presente trabalho, dessa forma, poderá contribuir com a problematização sobre as potencialidades de utilização de sequências didáticas nas aulas de língua portuguesa, ao mesmo tempo em que poderá favorecer a reflexão sobre a aprendizagem de línguas por meio de uma abordagem sociointeracionista de ensino-aprendizagem.

2. Fundamentação teórica do Interacionismo Sociodiscursivo

O Interacionismo Sociodiscursivo surgiu a partir de pesquisadores da Escola de Genebra como, Bronckart (1999), Dolz e Schneuwly (2004) que enxergaram nos gêneros textuais verdadeiros instrumentos para inserir o aluno nas mais diversas situações comunicativas, permitindo-lhe exercer seu papel de cidadão de maneira crítica, reflexiva e questionadora.

Bronckart (1999) o define como uma corrente teórica que enxerga as condutas humanas como produto de socialização.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004), o trabalho com os gêneros em sala de aula costuma ser desprovido de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica. Seguindo esse referencial teórico, as atividades e as produções de linguagens produzidas em determinado ambiente social desempenham um papel central, pois são elas que levam o desenvolvimento humano na direção de um pensamento consciente.

Conforme Dolz,

não escrevemos da mesma maneira quando redigimos uma carta de solicitação ou um conto; não falamos da mesma maneira quando fazemos uma exposição diante de uma classe ou quando conversamos à mesa com os amigos. Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes. (DOLZ, 2004, p. 97)

A não observância dessas condições é que podem conduzir ao mau-entendimento.



O conceito de *texto*, para o Interacionismo Sociodiscursivo, não pode ser confundida com a noção de *texto* visto como uma estrutura sem relação com o contexto. São considerados com relevantes e fundamentais tanto suas relações com o contexto e com o intertexto, nos diferentes níveis da análise.

A concepção de escrita, para esta teoria, é vista como um processo interlocutivo, entre leitor-texto-autor que se concretiza via gêneros textuais num contexto sócio-historicamente situado.

Há que estabelecer para o aluno o objeto da atividade, o leitor presumido e o espaço em que o texto irá circular. Há que respeitar o processo envolvido no ato de escrever.

Já a noção de *gênero de texto*, para Bronckart (1997), é equivalente à noção *bakhtiniana* de gênero do discurso, segundo a qual,

as diferentes esferas das atividades humanas, sócio-historicamente, elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados, os gêneros de discurso, que se caracterizam por apresentarem conteúdos, estruturação, relações entre os interlocutores e estilo específicos (BAKHTIN, 1953, p.279).

Essa noção de gênero é retomada e ampliada por Schneuwly (2004), que propõe como forma de *transposição didática* desse conceito a noção de *sequência didática* como uma metodologia de ensino-aprendizagem. Schneuwly (2004) considera que os gêneros se constituem como “*verdadeiras ferramentas semióticas complexas*” que permitem a produção e a compreensão de textos.

Logo, Dolz e Schneuwly (2004) enfatizam que “aprender a falar é apropriar-se dos instrumentos para falar em situações diversas, isto é, dos gêneros”.

Segundo Miller (2009), quando aprendemos um gênero, não adquirimos apenas um padrão de formas, e sim, quais fins podemos alcançar. Aprendemos que podemos elogiar, apresentar desculpas, interagir, expressar desejos, contar histórias, construir e socializar conhecimentos, influenciar pessoas, criticar, fazer um pedido, julgar um procedimento, recomendar alguém, dar instruções, mentir, ironizar e assim por diante.



Desse modo, o ensino da produção textual com base em gêneros disponibiliza as condições que podem levar o aluno a compreender como participar de modo ativo e crítico das ações de uma comunidade.

Cabe ao professor, mais do que levar o aluno a compreender os aspectos formais que organizam os diferentes gêneros textuais, levá-lo a refletir sobre as práticas sociais em que os gêneros se inserem e os discursos e temas que neles circulam.

Assim, Rojo (2008) acrescenta que merece ser focado e privilegiado no trabalho com a produção de texto no âmbito escolar, não são conteúdos formais, homogêneos, unos e descontextualizados, mas práticas plurais, culturalmente sensíveis e significativas à formação de cidadãos críticos e protagonistas no espaço social.

Devemos partir sempre da realidade e do contexto de nossa clientela, respeitando sua faixa etária, para que tenhamos um trabalho significativo e contextualizado.

Para ter o que dizer, os alunos precisam ser orientados tanto a ativar os conhecimentos que já possuem sobre a temática quanto a buscar informações novas em diferentes materiais e suportes.

É relevante, também, que o ensino contemple diferentes letramentos, dentre os quais poderiam ser destacados o literário, o jornalístico, o midiático, o científico, o digital, o do lazer, entre outros.

Dessa forma, ensinar um aluno a produzir um texto significa propor uma sequência (didática) de produções textuais que o levem a reconhecer e a produzir formas adequadas de comunicação segundo o contexto e finalidade, considerando o gênero.

Tomando como base as noções anteriormente apresentadas, o grupo de Genebra propõe que as práticas escolares sejam norteadas pelos chamados “modelos didáticos dos gêneros” a serem apropriados. Dessa forma, antes de proceder à preparação do material didático e da seleção de conteúdos e atividades, faz-se necessária uma sondagem inicial sobre o grupo de alunos, interesses e necessidades.

Assim, chegamos ao ponto mais específico do processo de transposição didática para o ensino de produção de textos, que é o da *seqüência didática*. Para Schneuwly (2004),



a seqüência didática se define como a unidade de trabalho escolar, constituída por um conjunto de atividades que apresentam um número limitado e preciso de objetivos e que são organizadas no quadro de um projeto de apropriação de dimensões constitutivas de um gênero de texto, com o objetivo de estruturar as atividades particulares em uma atividade englobante, de tal forma que essas atividades tenham um sentido para os aprendizes (SCHNEUWLY & DOLZ, p.134-137)

A respeito das seqüências didáticas, Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que “uma seqüência didática tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.”

Metodologicamente, as seqüências didáticas podem ser construídas a partir de produções iniciais dos alunos, com objetivo de identificar os conhecimentos sobre os gêneros e, a partir desse conhecimento prévio, construir novos conhecimentos de forma progressiva.

Posteriormente, durante o processo, o professor deve ir selecionando atividades a partir de gêneros e segundo o desenvolvimento dos alunos são propostas novas atividades e exercícios direcionados para o projeto de apropriação das características fundamentais do gênero estudado.

Durante todo o processo de elaboração e implementação das seqüências didáticas há um movimento de avaliação e auto-avaliação que permite um acompanhamento interessante, com a possibilidade de intervenção e ajustes no processo.

A produção textual, apoiada no Interacionismo Sociodiscursivo e nas seqüências didáticas, visa à formação de alunos proficientes, autônomos e capazes de construir textos que respondam às exigências postas pelas diferentes práticas sociais contemporâneas.

3. Potencialidades do uso de *seqüências didáticas*

Essa abordagem metodológica, com o trabalho a partir do uso de seqüências didáticas, apresenta como potencialidade integrar questões relativas ao desenvolvimento individual, à



construção de conhecimento e à interação social, fatores diretamente implicados no processo de ensino e de aprendizagem de língua.

Uma possível sequência didática para o trabalho com texto argumentativo poderia ser trabalhada em três momentos³. No primeiro momento poderia ser trabalhada uma produção a partir da leitura de uma história em quadrinhos que ilustrasse o diálogo entre mãe e filho. Os alunos poderiam ser instigados a identificar quais elementos são utilizados pelo filho para convencer a mãe. Poderiam ser indagados sobre o quê gera polêmica, que tipo de relação de proximidade há entre os interlocutores, etc.

Em um segundo momento, a partir das produções iniciais, poderia ser identificado os estágios de desenvolvimento dos alunos, as dificuldades encontradas e poderiam ser propostas formas de intervenção didática, com escolha de temática feita de forma coletiva pelo grupo. Uma possível proposta seria a produção de uma carta solicitando algo.

A partir da segunda produção, em um terceiro momento, poderia ser trabalhada a leitura de um artigo de opinião sobre temática eleita coletivamente pelo grupo e poderia ser solicitado que os alunos comparassem os três gêneros – histórias em quadrinho, carta e artigo de opinião – buscando elementos recorrentes e os efeitos que cada um dos gêneros produz.

Como última produção poderia ser proposta a elaboração de um artigo de opinião (texto argumentativo) a ser publicado no jornal da escola.

Ainda que no campo teórico algumas pesquisas venham sendo desenvolvidas na busca de propostas para o trabalho significativo e contextualizado com gêneros na escola, ainda há uma grande dificuldade por parte de professores para ultrapassarem uma abordagem estrutural.

A proposta anteriormente exposta permite o trabalho com os gêneros relacionando-os às atividades e práticas de linguagem (BRONCKART, 2003) para o ensino-aprendizagem de língua. Considerando que a língua é inseparável das práticas sociais e discursivas que a

³ Essa proposta de sequência didática tem sido trabalhada junto a alunos de 6º ano de uma escola pública do estado de São Paulo. Trata-se de um dos instrumentos de coleta de dados para pesquisa de mestrado desenvolvida.



constroem, é inegável que o trabalho com gêneros em contexto escolar pode proporcionar um novo contexto de atuação para os professores.

Nesse novo cenário, a sala de aula pode funcionar como um espaço de interação com especificidades que demandam uma reflexão sobre a metodologia a ser utilizada pelo professor, tendo em vista que os gêneros possuem funções distintas dentro e fora da sala de aula.

Levando em conta esses pressupostos, consideramos que a investigação sobre as possibilidades de trabalho com gênero a partir de sequências didáticas pode favorecer reflexões sobre os tipos de interação estabelecidos entre alunos e entre alunos e o professor de forma que seja possível avaliar o próprio processo de construção do ensino e da aprendizagem a partir de uma visão sociointeracionista. Essa abordagem oferecerá oportunidades para re-pensarmos a dimensão social do ensino de língua em contexto escolar, podendo desencadear um processo de como se pode trabalhar gênero na escola de forma significativa.

A partir desse paradigma, o eixo central do processo pedagógico recai sobre as práticas de uso da linguagem, sendo a reflexão metalingüística uma ferramenta de ampliação das competências lingüísticas almejadas para a formação plena do usuário-sujeito da língua.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 37-46.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Angela P. Dionisio e Judith C. Hoffnagel (Orgs.). 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental/Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais; língua portuguesa** – 1ª. a 4ª. série. Brasília, SEF/MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental/Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais; língua portuguesa** – 5ª. a 8ª. série. Brasília, SEF/MEC, 1998.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. 2ª. São Paulo: EDUC, 2003.

DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GERALDI, J. W. (Org). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4ª. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 151-166.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 19-36.

_____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. - São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). 2ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.



ROJO, R. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao trivium?
In: Inês Signorini (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. 4ª. Ed. São Paulo: Parábola,
2008, p. 73-108.

ROSSI-LOPES et al (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

SANTOS, L. W. Práticas de linguagem e PCN: o ensino de língua portuguesa. In: PAULIUKONIS,
M. A. L.; SANTOS, L. W.(Orgs.). **Estratégias de leitura**: texto e ensino. 2ª. ed. Rio de Janeiro:
Lucerna, 2006. p. 59-68.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2ª. ed. Campinas, SP: Mercado de
Letras, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.